

DESVENDANDO O ÍNTIMO ESPAÇO DA MODA DE NOVA FRIBURGO E REGIÃO, RIO DE JANEIRO.

Aluno: Michell Douglas Alves da Costa e Felipe Sodré Mendes Barros

Orientador: Regina Célia de Mattos

Introdução

As transformações tecnológicas intensificaram mudanças na produção, nos transportes e nas comunicações proporcionando crescente integração dos processos produtivos das mercadorias, cada vez mais intensivos em serviços, grande parte derivada das práticas de terceirização. São reconhecidas duas modalidades de terceirização {2}: das práticas de gestão e organização do trabalho, na busca de produtividade, qualidade e competitividade e a determinada fundamentalmente pela redução de custos, o que tem levado à precarização do trabalho, do emprego e da qualidade do produto. O trabalho sob responsabilidade de terceiros, esteve sempre presente ao longo do nosso processo de desenvolvimento, aparecendo sob diversas formas: relação entre empresas, redes de subcontratação, subcontratação de trabalhadores autônomos e de trabalho a domicílio, este último, nosso particular interesse.

Objetivos

Analisar se o arranjo produtivo do denominado Pólo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região apresenta condições para a constituição de um Arranjo Produtivo Local, na medida em que grande parte da produção é realizada através do trabalho feminino em domicílio, prática local de terceirização.

Metodologia

Para reconhecermos o arranjo produtivo, utilizamos o Censo da Indústria Têxtil e de Confecções de Nova Friburgo de 2003 que agrega 543 empresas de confecção, sendo 345 formais, correspondendo a 63,5% do total, sendo que, 45,2% delas, possuíam até 09 empregados e 198 empresas informais, representando 36,5% da amostra, com 97,2% possuindo até 09 empregados. Esses números revelam ser o arranjo constituído, majoritariamente, por micros e pequenas empresas, com a presença mais marcante dos micros negócios. Os dados revelam as dificuldades encontradas, pois 79,6%, das empresas apresentaram faturamento abaixo de R\$ 244.000,00, (limite, à época, estabelecido pelo Estatuto das MPE para classificar a micro empresa), dependência dos fornecedores locais e de canais de comercialização informais como as sacoleiras e a presença da produção “sob encomenda” que sugere práticas de subcontratação. Embora a fonte não dê qualquer informação sobre o tipo de trabalho predominante, se por conta própria ou uso de empregados, nem as relações de trabalho que prevaleciam, podemos sugerir, pelo conhecimento adquirido dos inúmeros trabalhos de campo no bairro de Olaria (nossa empiria), que mesmo as empresas cadastradas como formais, aproximam-se das características de informalidade, aqui entendida através da organização da empresa e, não, da sua situação legal. A organização e condições de produção que definem esse conceito permitem que empresas formais, como as recenseadas, sejam analisadas no mesmo quadro de precariedades das informais, havendo, provavelmente, muito pouca diferença entre elas. Pelos dados da ECINF do IBGE (2003), 88% das empresas informais pesquisadas eram de

trabalhadores por conta própria, sendo que, 91% trabalhavam no domicílio. Essas informações colaboram para amparar nossa percepção da forte presença desse tipo de trabalho, que é predominantemente feminino, em nossa área de pesquisa.

Conclusões

Frente às transformações corridas devido aos processos de reestruturação e fragmentação produtiva, pesquisas sobre o setor de confecções {1}, {3}, {4} analisam não só as precárias condições de trabalho a domicílio, assim como a sua permanência e expansão. Se o processo de terceirização vem expulsando o trabalho das indústrias de confecção e favorecendo o crescimento do trabalho informal, a domicílio, esse quadro se agrava, tendo em vista ser, esse tipo de trabalho, essencialmente, feminino. As tendências de terceirização do setor se somam a uma realidade da divisão sexual do trabalho que tornam especialmente as mulheres casadas e com filhos, uma clientela disponível para esse tipo de emprego. O estado civil da mulher não parece ter relevância na “escolha” do trabalho a domicílio, mas, sim, a condição de mãe e a responsabilidade dentro do lar, indicando a tradicional divisão dos papéis masculinos e femininos, representações de gênero na sociedade, isto é, supostas capacidades e “lugares” que têm homens e mulheres nas esferas da produção e da reprodução social. O tradicional aprendizado da costura como parte da formação das meninas, é, sem dúvida, um importante fator na preponderância do trabalho feminino no setor. Diante do fato desse aprendizado ser adquirido informalmente, como parte da socialização feminina, não é reconhecido como qualificação profissional, mas, sim, uma qualidade pessoal da costureira, o que favorece, aos empregadores, baixas remunerações, equivalentes ao trabalho sem qualificação. Lembra, ainda, que as condições que sempre existiram para a utilização do trabalho feminino a domicílio, soma-se à intensa busca por “flexibilização” que caracteriza o setor, reconhecido por ser intensivo em trabalho e buscar competência em estratégias de redução de custo. A feminização do trabalho a domicílio é uma marca nesse tipo de atividade, entretanto, a sua expansão decorre de uma dinâmica mais geral: a tendência do crescimento da atividade feminina nas últimas décadas cujas explicações, necessariamente, decorrem da combinação de fatores econômicos, demográficos e culturais que vêm ocorrendo em nossa sociedade.

Referência

ABREU, Alice Rangel Paiva e SORJ, Bila. **Subcontratação e trabalho a domicílio – a influência do gênero**. In: Martins, Heloisa de Souza e Ramalho, José Ricardo. *Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho*. São Paulo: Hucitec:CEDI/NETS, 1994, pp. 62-75.

DRUCK, Maria da Graça. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica: um estudo do complexo petroquímico**. São Paulo: Boitempo, Editorial, 1999, 271 pp.

LAVINAS, Lena; SORJ, Bila; LINHARES, Leila e JORGE, Ângela. **Trabalho a domicílio: novas formas de contratualidade**. Textos para discussão n° 717, IPEA, 2000, 48 pp.

TEIXEIRA, Amélia Rosa Sá B. Teixeira e RIBEIRO, Ana Clara Chinelli. **Casa e fábrica: um estudo do trabalho fabril a domicílio no Rio de Janeiro, 1980/1981**, mimeografado.